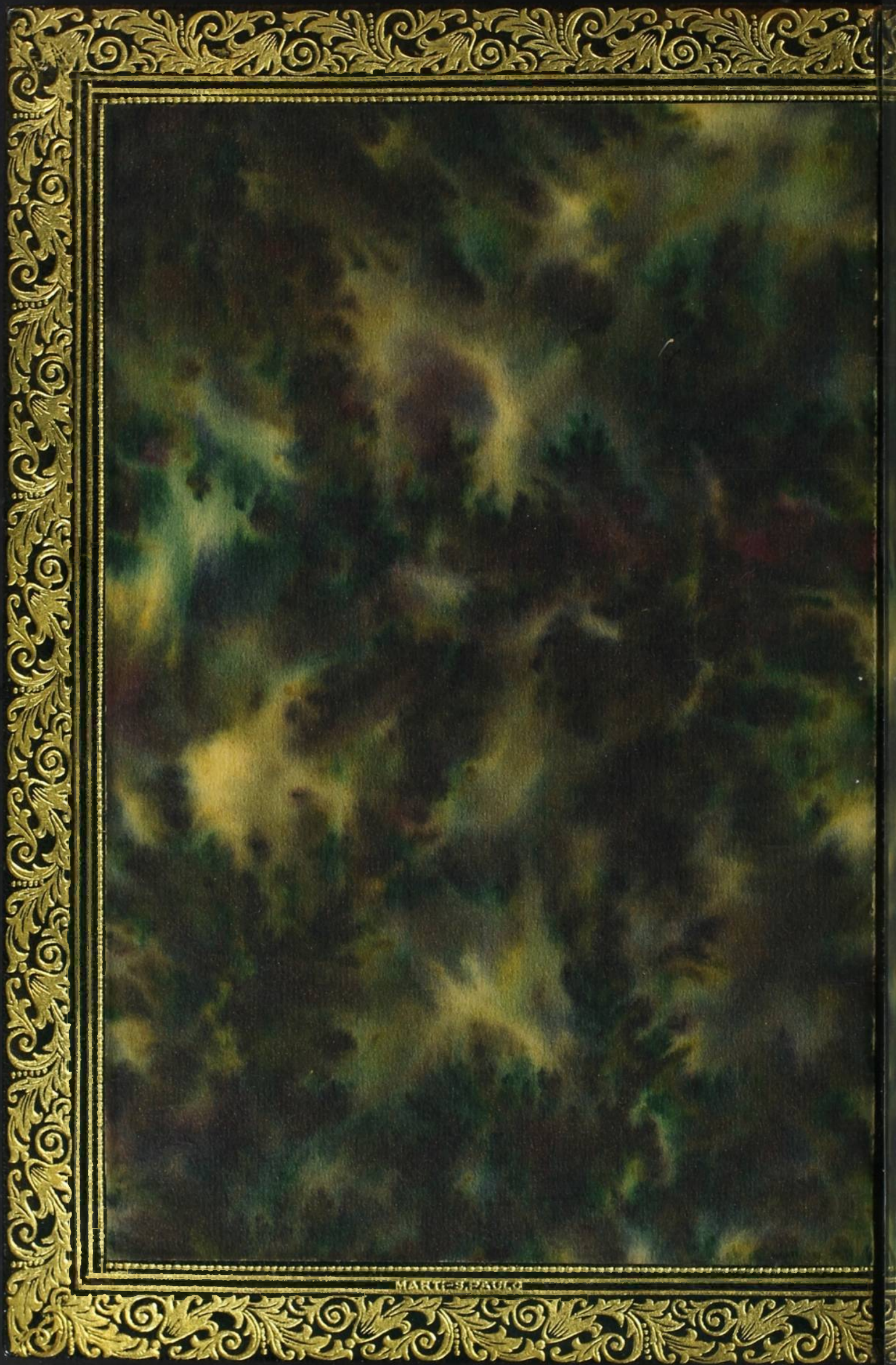




F. Octaviano

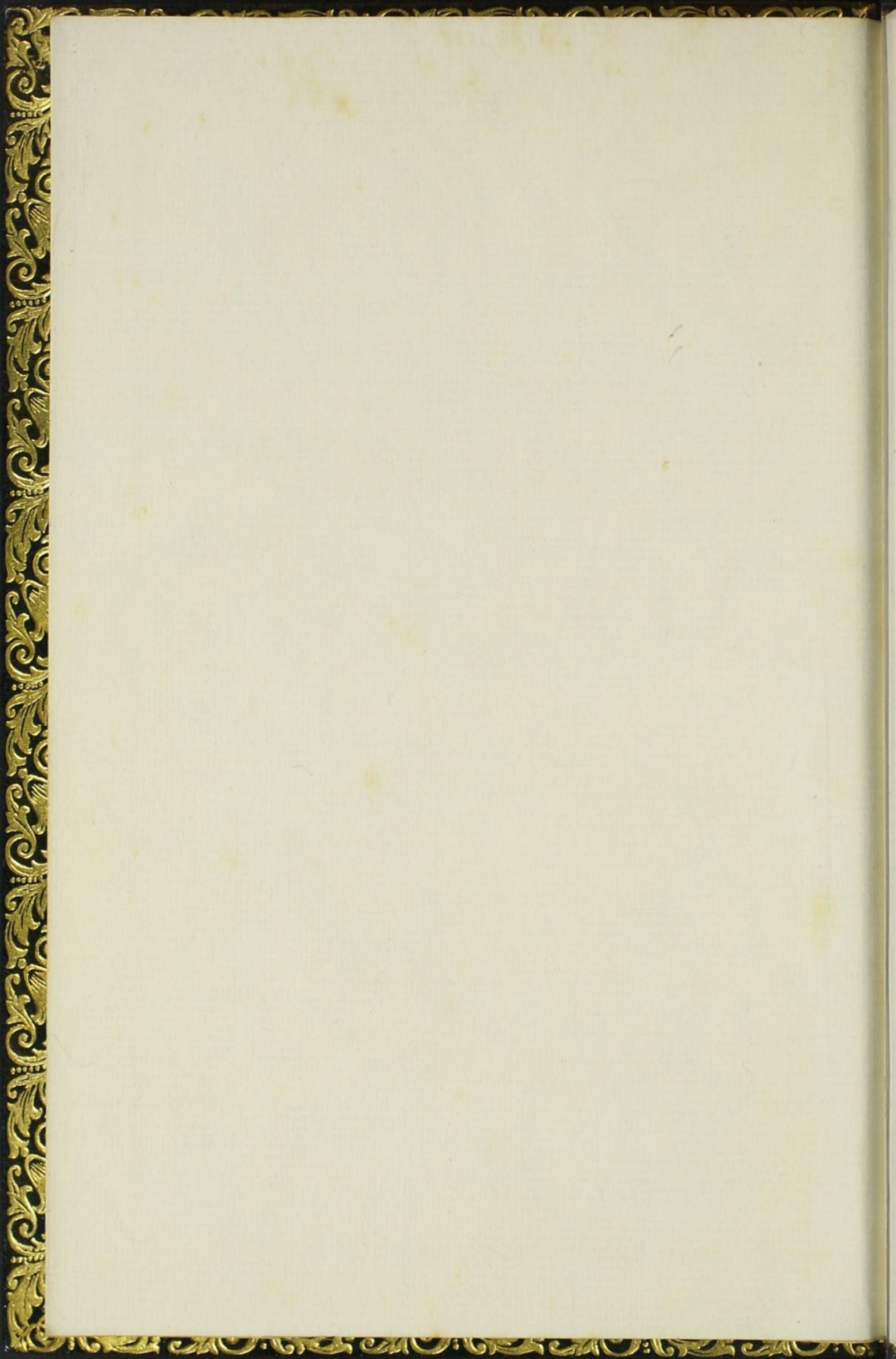
CANTOS DE SELMA

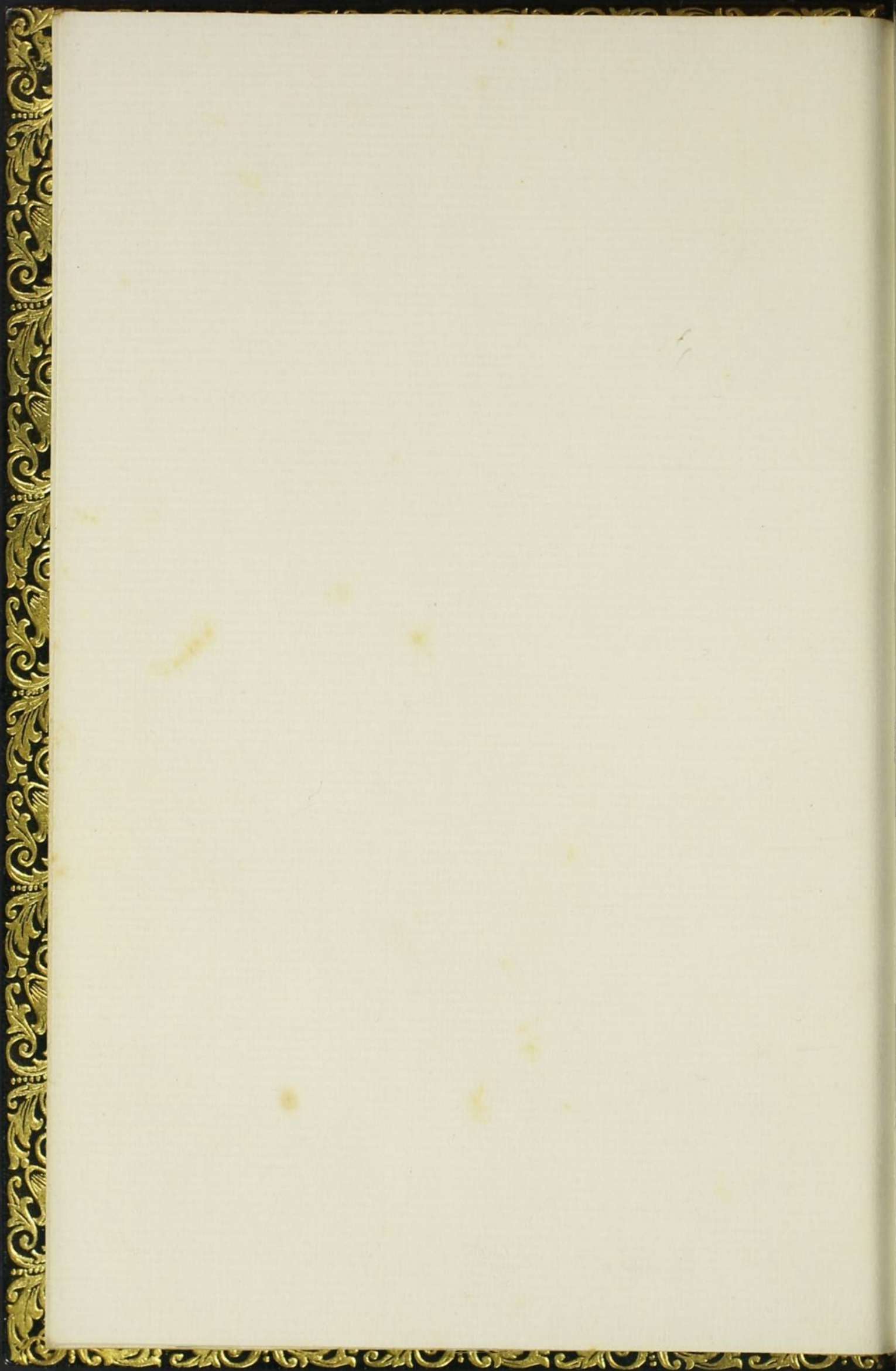
J. DE ALENCAR

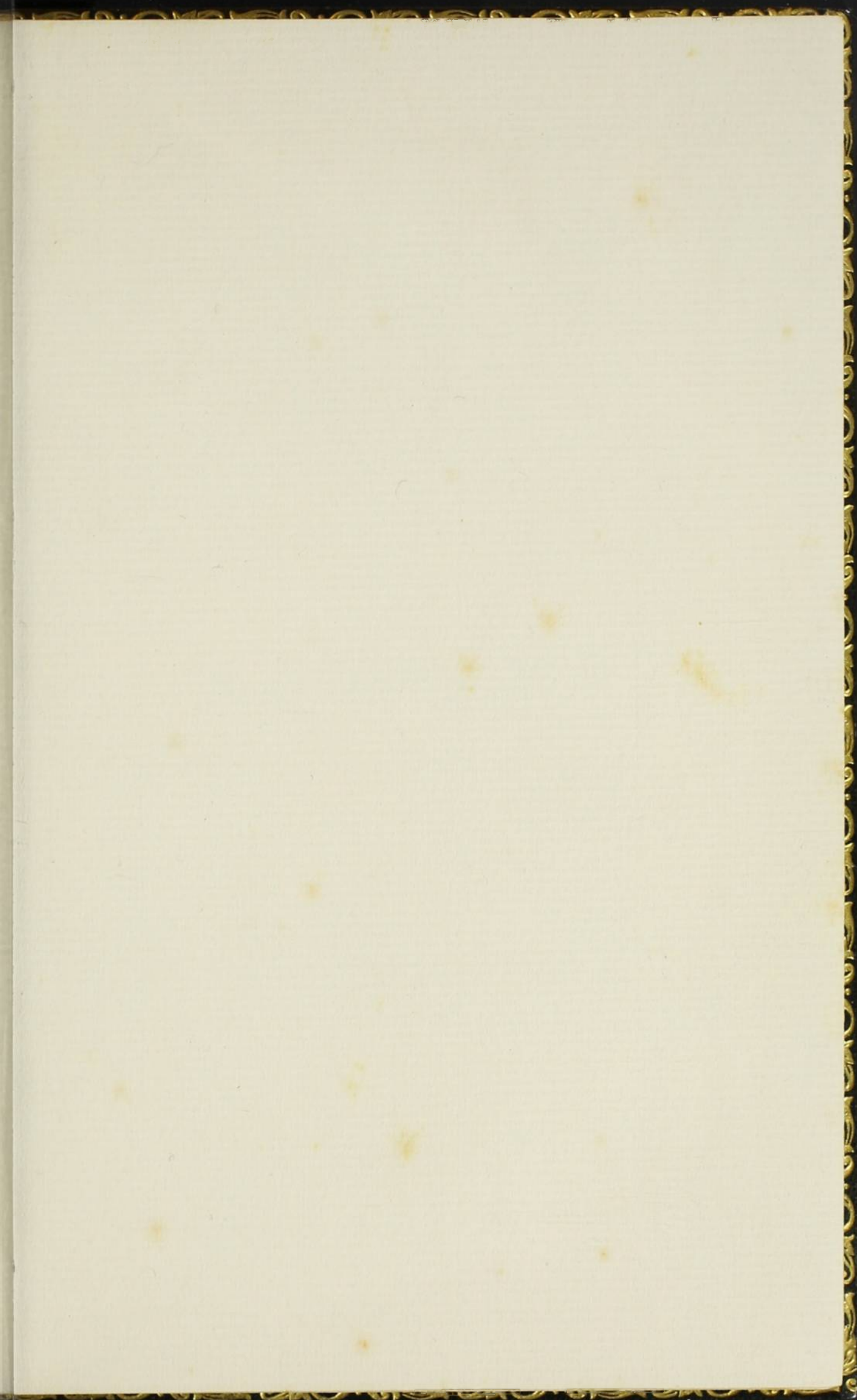


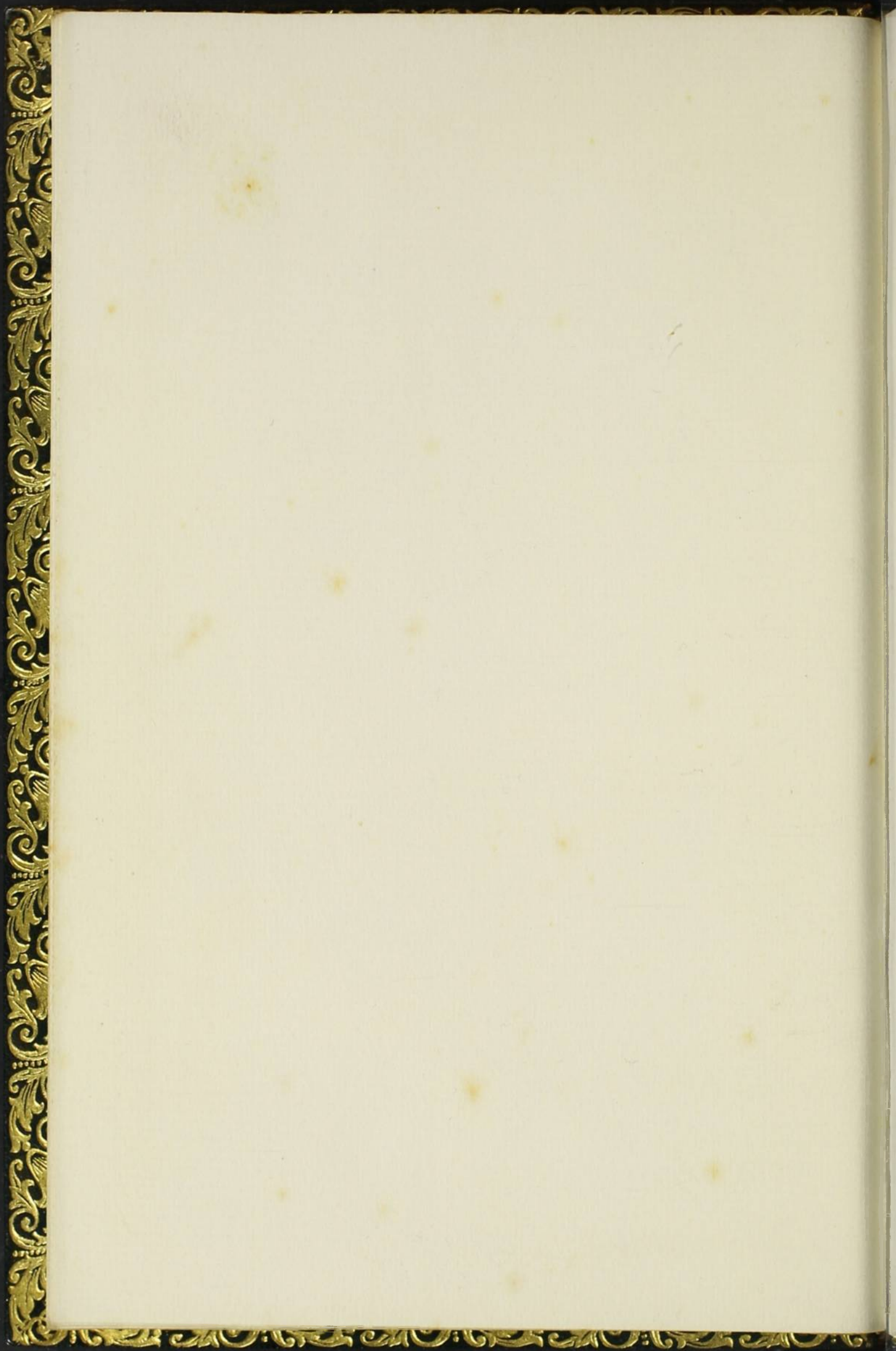
MARTIN PAUL

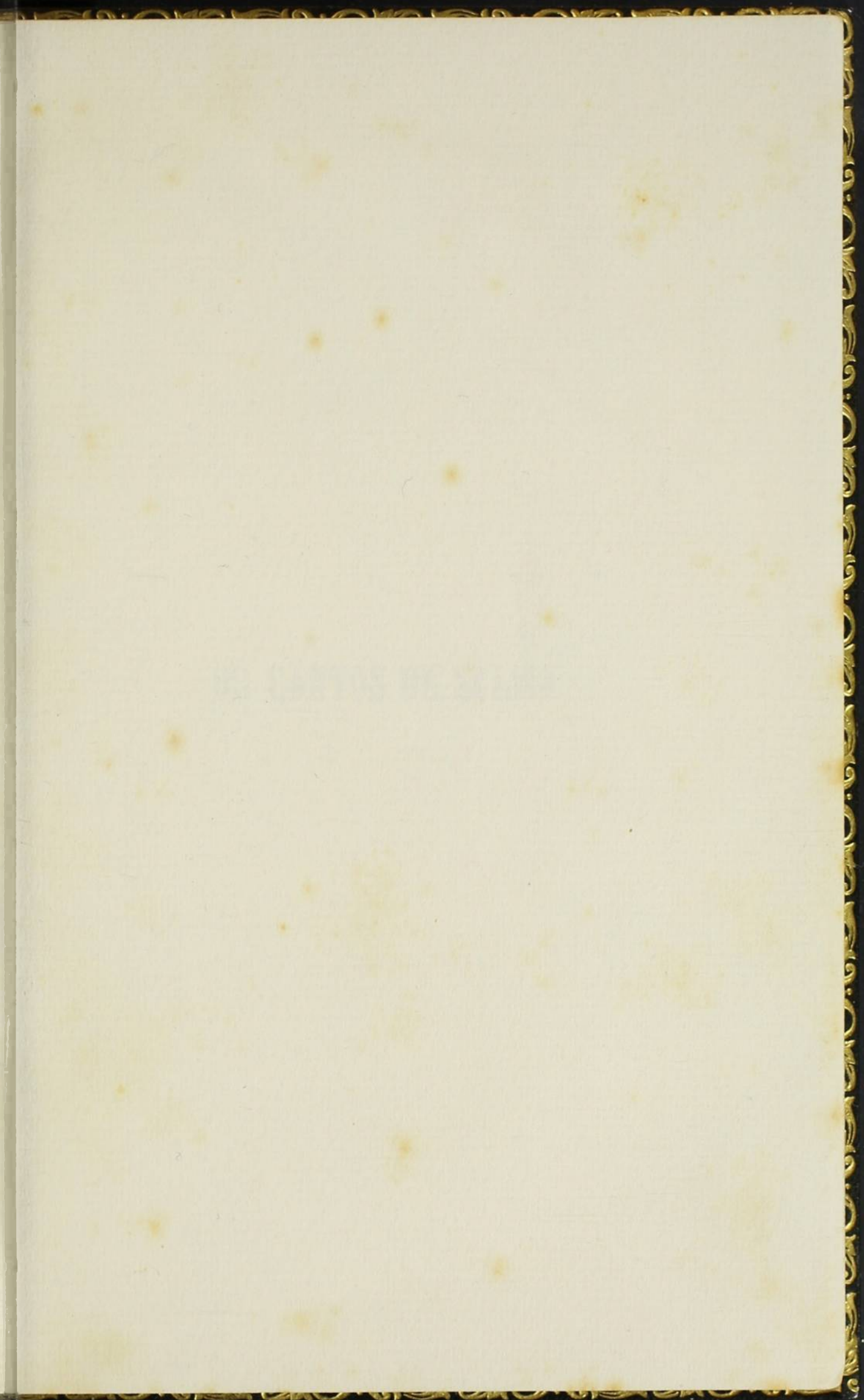


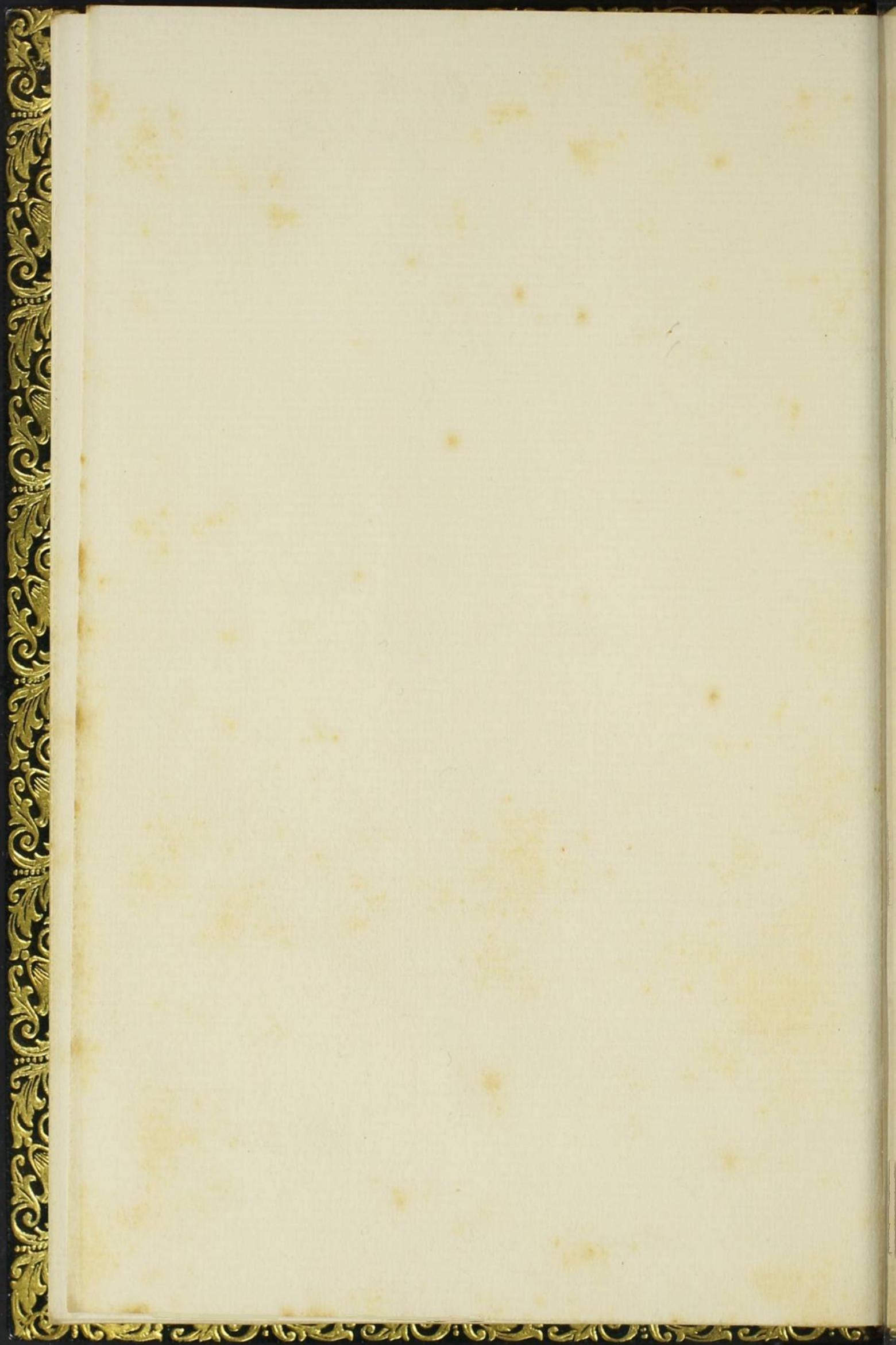






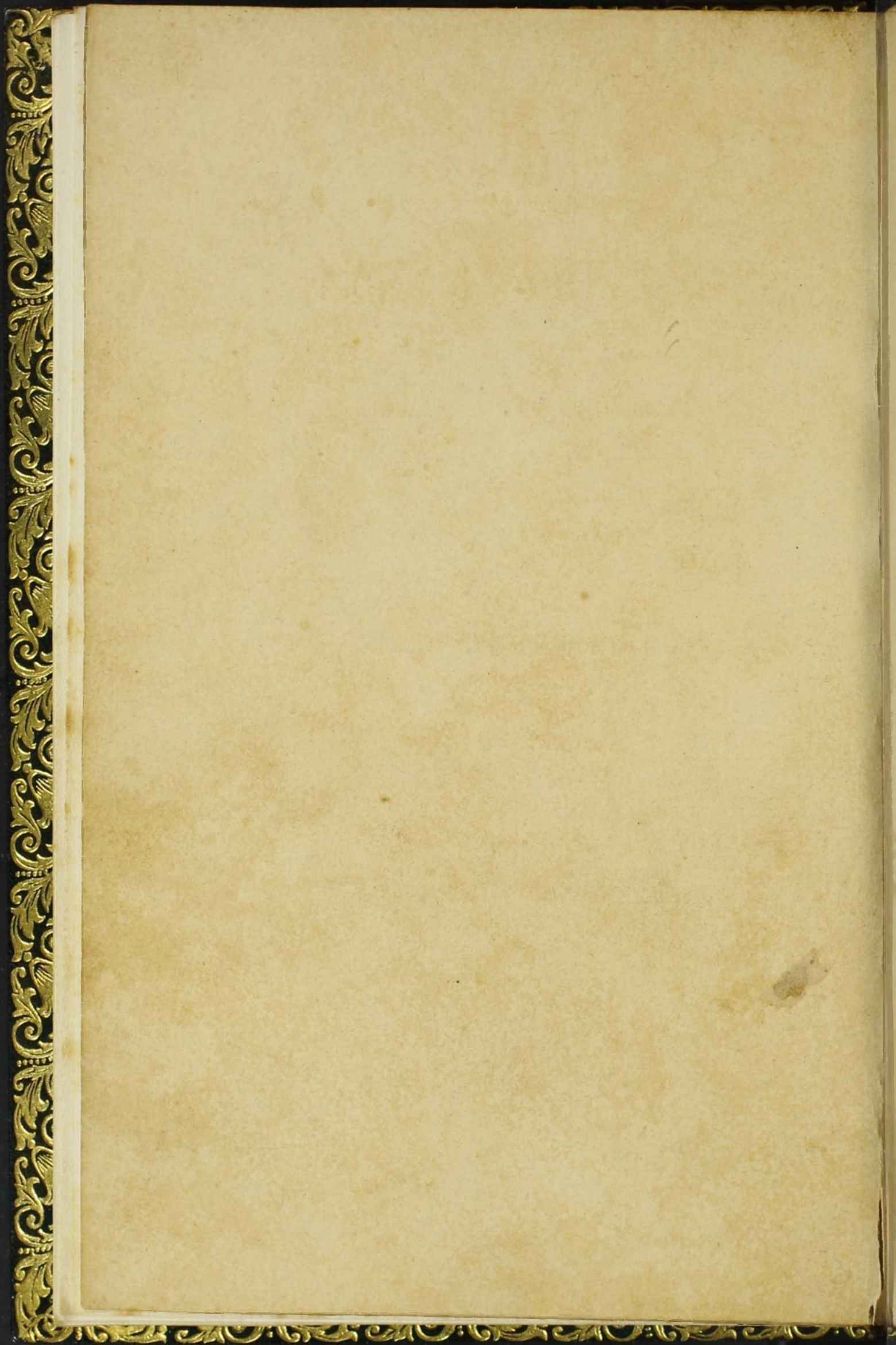






*Original
Impressão*

OS CANTOS DE SELMA



F. OCTAVIANO

OS CANTOS DE SELMA

EDIÇÃO DE SETE EXEMPLARES

PUBLICADOS

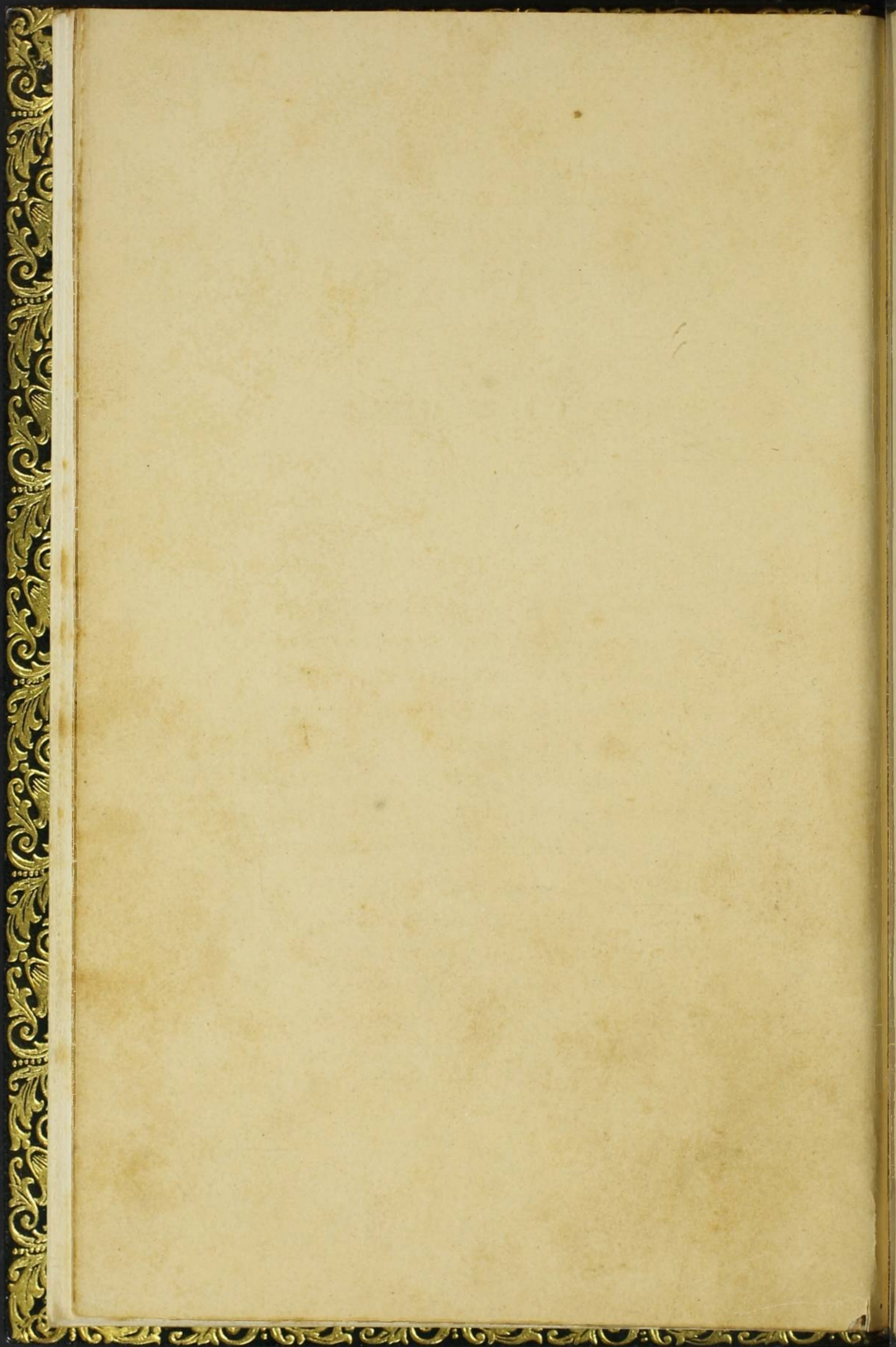
PARA

D. Eponina Octaviano
F. Octaviano
J. de Alencar
Eduardo de Andrade Pinto
Salvador de Mendonça
Luis Barboza
Henrique Brown

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DA REPUBLICA

M DCCC LXXII



CARTA A J. DE ALENCAR

Meu charo amigo.— Deixe que um momento lhe interrompa o correr da penna elegantissima com que está a esta hora a exornar de novas gemmas as lettras nacionaes, e leia esta carta. Leva-lhe a mais feliz nova que lhe pudéra dar.

Si em logar de beber a largos haustos a inspiração nessa liberrima terra de Minas, estivesse conosco, hoje este logar era seu, que nenhum outro tinha melhor direito de ir receber á entrada o formosissimo poeta que, apoz longos annos de ausencia, vem agora a publico trazer-nos as mais preciosas joias do seu thesouro litterario.

Tracta-se nada menos que de dizer ao publico que lhe vamos abrir os cofres de Cresco, pois o

príncipe da palavra e o senhor da fôrma, o orador e o publicista menos brasileiro que attico, F. Octaviano em summa, reaparece hoje nestas columnas com um dos primores de sua musa peregrina.

Do como isto succede vou dar-lhe miuda conta.

Vae para dous mezes que uma bella manhã vi no *Correio Popular* da nossa folha uns versos assignados por F. Octaviano : elle não m'os dera, não sabia que os houvesse dado a companheiro nosso.

Como foram alli ter ?

Li-os.

Trocou-se-me a surpresa em pezar bem fundo : os versos estavam evidentemente truncados e estropiados pela mão sacrilega de algum copista de má sina, que conseguira deturpá-los a seu sabor.

O organisador do *Correio Popular* achára a cópia entre outros papeis que lhe entregaram ; não leu a poesia porque trazia na assignatura o melhor passaporte, ficou até jubiloso por ter aquelle mimo a offertar aos leitores ; typographos e revisores guardaram-lhe o mesmo respeitoso acatamento ; não se atreveram a modificá-la.... si era uma poesia de F. Octaviano !

No outro dia recebi do poeta uma carta : estava justa e injustamente queixoso : suppunha-

me culpado daquelle delicto de leso bom gosto e feia deslealdade: « O Serra que é mais maligno, dizia-me F. Octaviano, acredita que me queres enterrar como politico, dando-me ao prelo como verzejador. » E concluia a carta: « Si nisto te empenhas decidido, eu mesmo te auxiliarei. Vem escolher os versos que quizeres; mas enterra me inteiro e não mutilado e mais feio do que sou. »

Abençoado descuido, abençoada mutilação, meu amigo, que assim nos restituia o nosso formoso poeta, que sabem todos que escreve magnificas poesias, que muitos têm ouvido recitar e de que alguns possuem cópias... mais ou menos como a da involuntaria traição! mas que se não suspeita, ao menos, que haja até agora enthesourado mil e mil riquezas.

Fui ter com elle; ia commigo o Ferreira de Menezes; passámos uma, duas, tres, quatro brevissimas horas a revolver os thesouros do nababo.

Affigure-se que desciamos ao seio de uma mina de ouro, esplendida e radiante. Lemos suavissimas poesias originaes, traducções de versos sul-americanos, trechos do *Child-Harold*, o *Adeus*, a *Ave Maria*; depois do Byron o Alfredo de Musset; depois uma parte do *Prometheu* de Eschylo; depois um canto da *Illiada*, esse eterno poema po-

IV

pular agora por elle vertido, não como obra de sabio, mas no estylo do povo, que pela tradicção o guardou.

Calcule que começou de colligir pacientemente em um livro, que intitulou meu, riquezas tamanhas.

Ao partir para Friburgo, ha dias, ratificou a promessa, e eis que agora do recesso da nossa natureza virgem manda-nos, como está fazendo o auctor do *Til*, uma versão do Ossian, feita em 1813 para ser publicada em uma *Revista Litteraria* projectada em S. Paulo e que nem viu a luz.

O manuscripto de 1813 não foi em nada alterado : chega-nos com o perfume dos 17 annos do poeta.

Desse tempo é o seguinte prefacio que tambem se destinava á *Revista* :

« Homero e Ossian são poetas irmãos pelo genio e pelo destino : o cégo de Smyrna e o filho do nobre Fingal perpetuaram as glorias das nacionalidades hellenica e celtica, memorando em bellos versos os combates de épochas heroicas, e inspirando a emulação nas almas ardentes ; assim Alexandre tinha sempre a *Illiada* em sua tenda e Napoleão os poemas gaelicos

« A critica moderna pôz em duvida a personalidade de ambos os poetas, o grego e o celta. Teriam elles dado o nome apenas ao complexo de uma litteratura, ou existiram realmente como genios creadores ? Mau grado os celebres *Prolegomenos* de Wolf, pretendendo demonstrar que

a epopéa grega fôra um trabalho colectivo; máu grado a contestação do dr. Johnson á authenticidade dos canticos ersas ou gaelicos de Mac Pherson, não posso arrancar de minha alma a creença profunda na existencia real e no engenho divino do vate da Grecia e do bardo da Caledonia.

« Os *Cantos de Selma* (ou melhor *Os Contares em Selma* *) mereceram, mais do que as outras producções de Ossian, o culto de todas as musas européas. São, no dizer de Cesarotti, o illustre traductor italiano, « o mais fino perfume de poesia nativa », e, no pensar do auctor dos *Martyres*, « despertam, nas noites melancolicas da velhice, saudades da juventude risonha. »

« O sabio brazileiro e distincto poeta, o veneravel José Bonifacio, emprehendêra vertê los para a lingua de Camões. Desse trabalho sómente publicou a bellissima ode que se encontra no seu mimoso livrinho de poesias, impresso em Bordéus.

« A musa do Brazil parecia ter esquecido os cantos de Selma para não avivar lembranças de um desterro injusto. Já será tempo de despertar-lhe a memoria? Não repellirá deslenhosos o meu reclamo?

« S. Paulo, 10 de Novembro de 1843. »

Era para responder a estas perguntas que o quizera aqui.

* No ersa ou gaelico Selma (Bella Vista) era o palacio de Fingal, rei de Mórven; Ullin quer dizer irlandez; Colma, dama de bellos cabellos; Sílgar, caçador; Mórar, homem de força, e Cármar, homem de feições queimadas.

Os *Cantos de Selma* são um poema inteiramente lyrico e o seu rithmo muito variado no original gaelico. F. Octaviano disse-me que viu a edição de 1807 em lingua gaelica com versão latina em face pela Sociedade Escosseza de Londres. Mas a traducção por elle feita é sobre a de Mac Pherson, de 1814, Edimburgo.

O que ella vale, vae por si julgar. Diga-me depois quaes as suas impressões.

Tenho para mim que o écho encantador dessa musica distante, disferida pelo bardo caledonio, não nos podia chegar melhor aos ouvidos do que acariciado pela voz do poeta brasileiro para quem a arte da palavra não tem segredos, e cuja musa, aleyone divina, atravessou os mares com o cantor do *Child*, e foi afinal pousar nas ruinas do Parthenon onde solettra nos marmores de Phidias a poesia-mãe, severa e calma como um olhar olympico.

Considero o reaparecimento de F. Octaviano na litteratura patria como um acontecimento notavel, que vae influir activa e beneficamente nas lettras brasileiras.

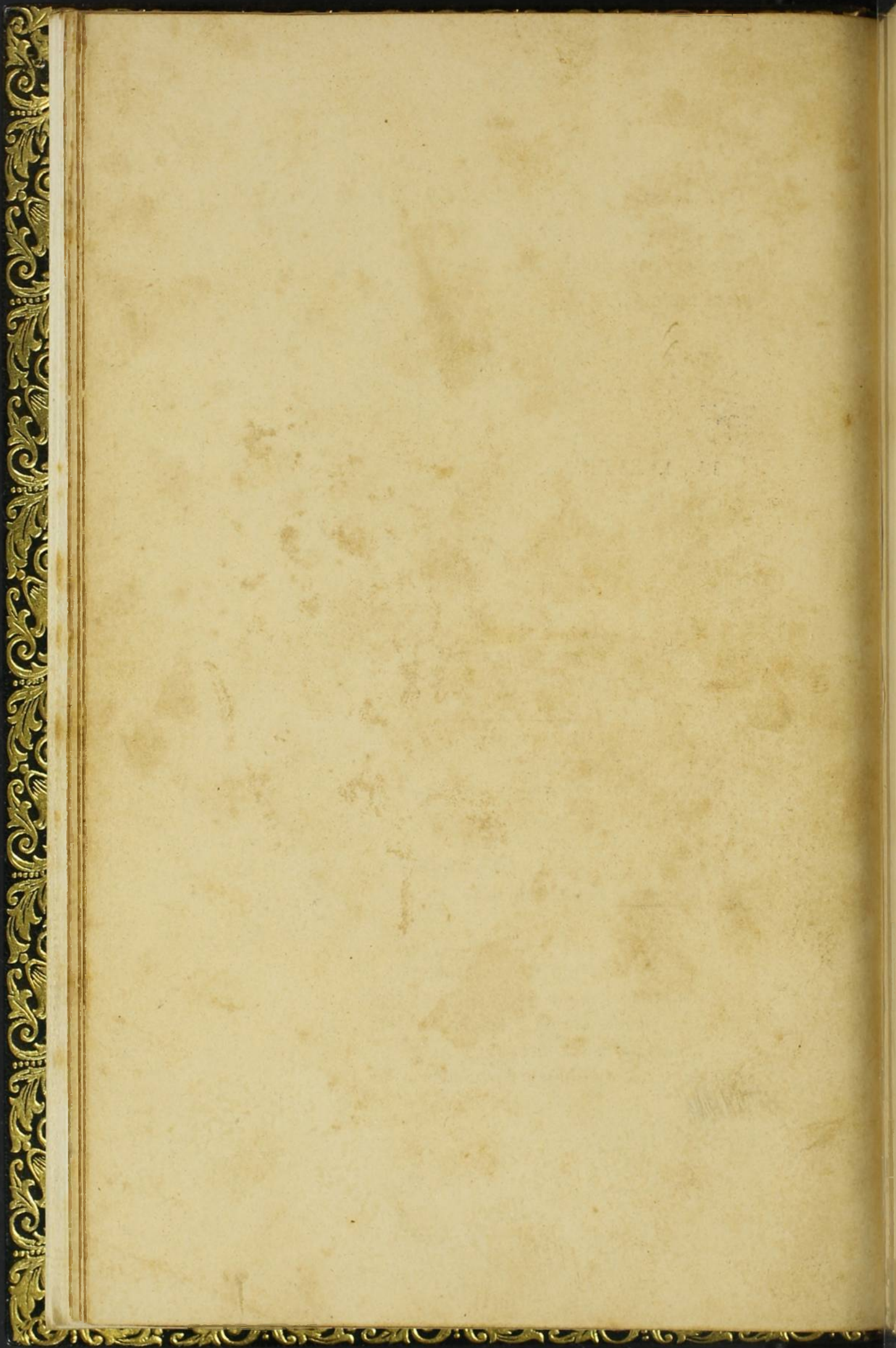
Por isso congratulo-me, primeiro com um dos seus mais dignos representantes, depois com o amigo, a quem de ora em diante podemos offerecer tão boa companhia nas columnas da *Republica*.

O encontro de F. Octaviano e de J. de Alencar na imprensa, digo-o aqui muito à puridade, affigura-se-me estar assignalando uma phase nova para a arte nacional.

Amigo e admirador sincero

SALVADOR DE MENDONÇA.

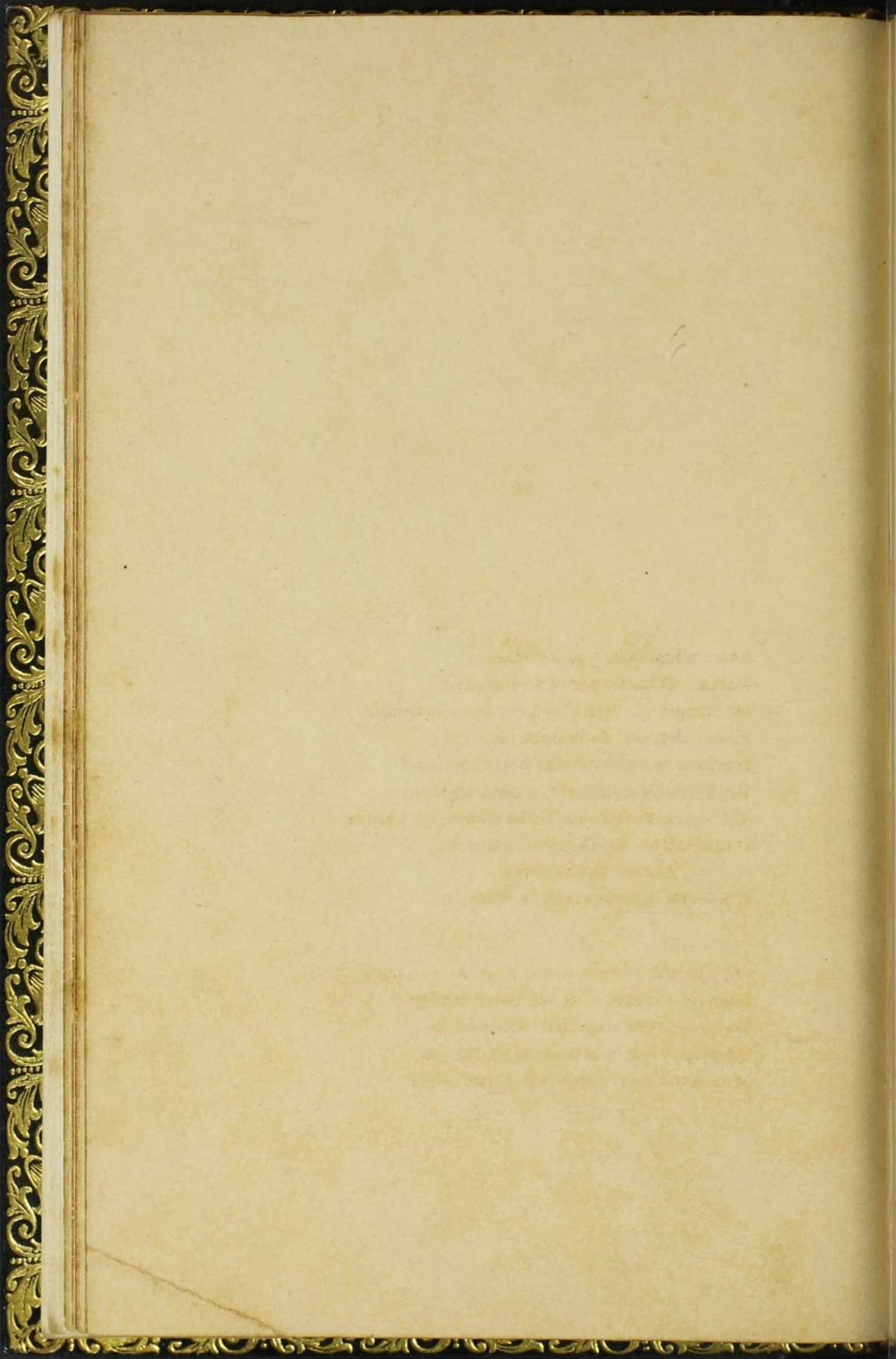
Rio, 1.º de Janeiro.



Alva estrella, diamante luminoso,
Do crepusculo á fronte irradiando,
Porque teu puro olhar fitas no valle?

O estrepito do dia
Cessou; os ventos de dormir começam:
Ouve-se apenas da torrente o écho:
As vagas beijam lípidas a rocha:
E o turbulento insecto,
Da flôr em derredór, colhe perfumes
E borborinha no ar silencioso.

Que vês no valle, estrella scintillante?
Mas lá descambas do horisonte á margem;
Para acolher-te abrem o seio as ondas,
E do céu te deslizas,
Nas aguas mergulhando a argentea côma.



Astro silencioso, que desmaias,
Adeus ! O bardo agora se illumina
Do imaginoso engenho á chamma ardente.
Ei-la ! derrete da velhice os gelos
E aclára as sombras dos heróes antigos
Em torno de seu chefe, o nobre Fingal.
Ahi vejo erguer-se os meus rivaes, os bardos,
O magestoso Ryno, Ullin sagrado,
 Alpino harmonioso
E a terna, a melancholica Minnóna.

Oh ! já não voltam mais, é lei do tempo,
Dias que foram, dias em que o zephyro
Da primavera semelhar soubemos,
Quando doces murmuram na collina
Meneando com mimo a flór que nasce

Então do Selma nos festins saudosos
Do canto disputavamos o premio.
Foi nessas festas que a gentil Mimãna,
Os olhos baixos, humidos de prantos,
Que á memoria brotavam do passado,
Com voz melodiosa
Fez palpitar os chefes que a escutavam.
Em triste endeixa nos contou a historia
Dos amores de Sálgar e de Colma,
Que sob a terra jazem
O ultimo dormir dormindo juntos.

Sálgar, em vão, promessa lhe fizera
De volver a seu lado antes da noite.
Mas a noite desceu : sobre a collina
Colma, desamparada, se lamenta.

III

O LAMENTO DE COLMA

(Cantico de Minnôna)

« Que negra noite ! neste escuro outeiro
Eis-me só, confrangida pelo susto.
Cobrem o céu as nuvens da procella,
Magem os ventos da montanha em roda.
Oigo o escorrer das agoas pela rocha,
 Sosinha, abandonada,
Nada rast.êo que me dê abrigo.

« Astro da noite, ó lua, ergue-te ao menos,
Deixa do monte o verdenegro seio.
Entretecei o céu, alvas estrellas.
Benefico luar me leve ao pouso
Solitario, em que o amante fatigado
 Por ventura descanse,
Arco no chão, rafeiros seus ao lado.

« Ai! mesquinha de mim! desamparada,
Aqui a noite passarei : rebóam
Mais forte ainda os ventos e os regatos,
Oh ! porque tardas, Sálgar ? a torrente,
O alcantil, a arvore, te accusam :
Eis-me aqui : onde estás ? responde, amigo.
Em vão ! que me não ouves,
Ou não posso te ouvir si me respondes.

« O irmão, o pae, deixei por ti, fugi-os :
A guerra desuniu nossas familias,
Mas nossos corações, embora, se unem.
Cessae, torrentes, serенаe, ó ventos,
Deixae que o amado minha voz escute.
Sálgar ? eu, que te chamo,
Eu, tua Colma que te espera : oh ! corre.

« Consoladora lua, enfim, despontas !
Brilha no valle a onda : descerrados,
Cinzentos, das montanhas vejo os tópes ;
Mas onde estaes, que te não vejo, Sálgar ?
Onde teus cães, das sarças escosidos ?
Ai de mim, desgraçada !
De companhia não terei o amante.

« Oh ! céu ! que hei visto ! nas estivas proximas
Sangue . . dous corpos . . meu irmão . . meu Sálgar !
Mortos ! seus ferros roxeados inda . . .
Cruel irmão, porque lhe dèste a morte ?
Sálgar, porque ao irmão a luz roubaste ?
Fios de minha vida,
Porque, um ao outro, vos cortastes, impios ?

« Meus canticos, voae por estes bosques.
Era Sálgar—do outeiro o mais formoso ;
E meu irmão a dextra sanguinosa
Da morte em campo meio de batalha.
Fallae, amigos, respondei-me ás vozes.

Em vão!—que para sempre
A lingua é muda, o coração gelado.

« Sombras queridas, do alto dos rochedos
(Assaz hei destemor para escutar-vos)
Dizei-me a gruta onde pousaes agora.
São mudos! nem sequer ouço um suspiro
Delles, no meio do estrupir dos ventos!

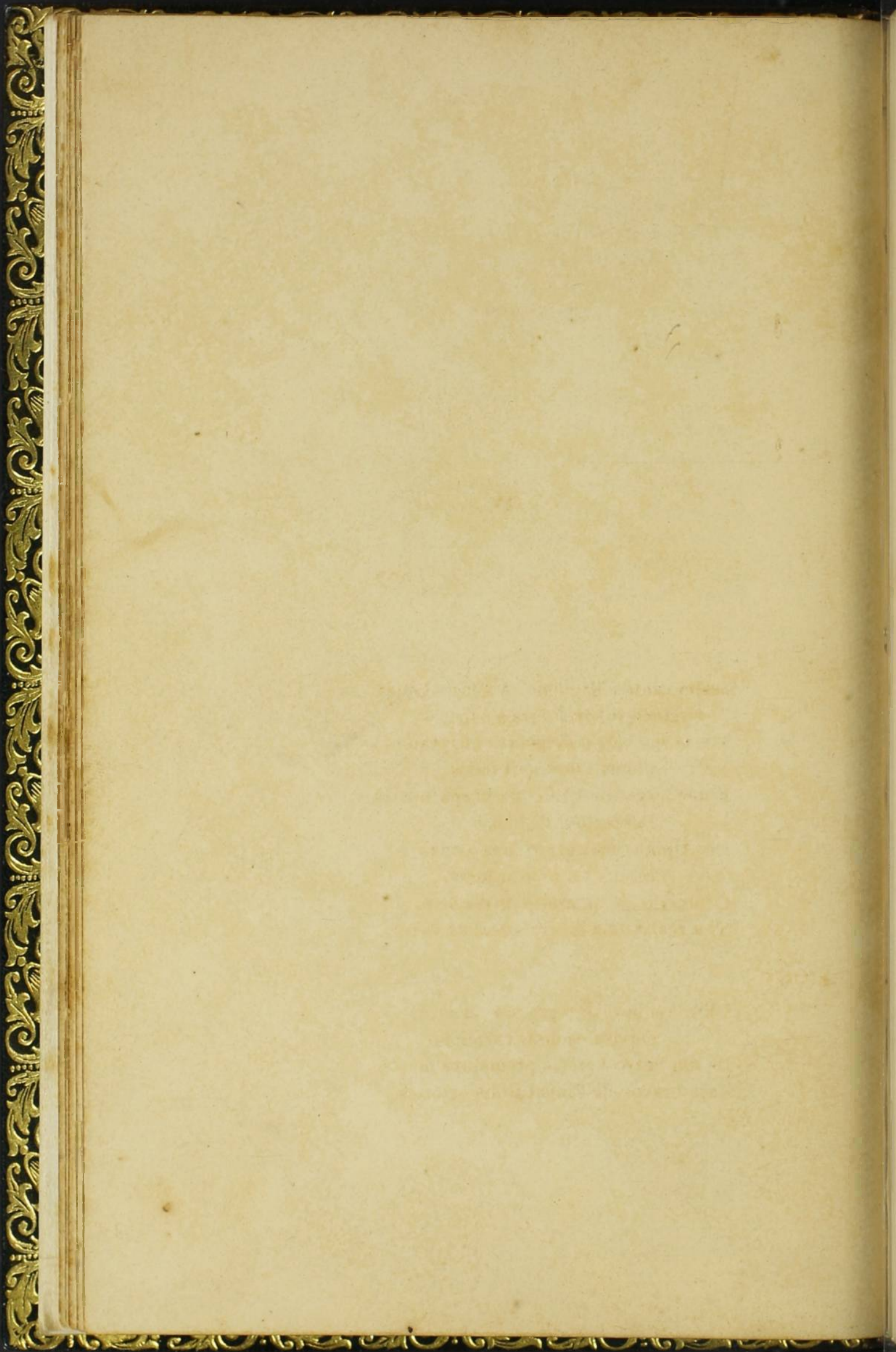
De vez em vez apenas
Meus ais sentidos me devolve o echo.

« Eis-me aqui, pois, a sós com minha magoa!
A nova aurora me achará penando.
Vinde, dos mortos levantar o tumulo,
Fieis amigos; mas deixae que o entre,
Primeiro que o fecheis, a infeliz Colma:
Breve sonho, desfez-se-me a existencia;

Quero dormir com elles
Ao som do arroio que da serra cõa.

« Quando o outeiro, alta noite, em véus se occulte,
Envolvida em vapor na aza dos ventos
Aqui virei chorar de ambos a morte :
O caçador, pousando na cabana,
Silencioso escutará meu canto,

E enternecido e triste
Verterá sobre os dous piedosa lagryma.»



IV

Assim cantou Minnóna. A's faces bellas
O virgineo rubór subira a espaços.
Almas em dôr e palpebras em pranto,
Cólma chorámos todos.
Então ergue-se Ullin ; na harpa sonôra,
Despertou melodias
De Alpino, o feiticcio, nas toadas,
De Ryno, todo ardores.
O tumulo de ha muito os recebêra
E a real Selma lhes perdêra as vozes.

Ullin um dia, ao regressar da caça,
Ouvira os dous carpindo
De um bravo herôe a prematura morte.
Esse bravo—de Fingal tinha os brios,

De Oscar o braço temeroso e hardido.
Era Mórar... Do irmão ouvindo o nome,
Minnóna levantou-se,
E como a lua, que á tormenta foge,
E da nuvem no seio esconde o rosto,
Despareceu dalli... A harpa feriu-se
E começou a nenia.

A NENIA DO HOMEM FORTE

*(Cantico de Ullin)**Rymo*

« Em meio vae o dia : a chuva e o vento
Chegaram a findar :
As nuvens desunidas se dispersam
E vôam pelo ar :
A luz do sol percorre os verdes tópes
No eterno vaguear :
Vão no pedrento valle agoas do monte.
Côr de sangue, rolar.

« Quanto me apraz o trepidar do arroyo !
Porém me agrada mais a voz de Alpino,
O velho bardo que prantêa os mortos.

« Porque vens só, ó filho da harmonia,
Com tão mago gemer ?
Porque suspiras, qual suspira o vento
Na floresta a correr,
Ou como a vaga em solitaria praia
Nas lapas a bater? »

Alpino

« São meus prantos, ó Ryno, pelos mortos :
Saúdo os habitantes do sepulchro.
Hoje garboso tu te ostentas, moço,
E inveja causas da planice aos filhos :
Mas amanhã quem sabe si o estrangeiro
Não chorará piedoso
Sobre o tumulo teu? então no outeiro
Não se verá vestigio de teus passos,
E livremente correrá nas mattas
O cervo que te ha medo!

« Oh ! Mórar ! semelhavas na carreira
O gamo da collina ;
E mais terrivel do que tu não era
O metcôro inflammado.
Nem a colera tua a tempestade
Nos funestos effeitos
Vencer podia, e do combate em meio
Mais luzia o teu ferro
Do que o raio lampeja pela varzea.

« Era tua voz qual engrossado arroyo,
Que estrepitoso corre
Depois da chuva, ou qual o surdo roncô

Do furacão que inda ameaça ao longe.
Quantos heróes nas guerras immolaste !
Mas no regresso, tão sereno e calmo,
Eras o sol depois de uma procella,
Placida como a lua era tua alma,
Quando os ventos nos ares emmudecem.

« E hoje dormes no azylo mortuario !
Bastam tres passos a medir o espaço
Que encerra quem ha pouco era tão grande.
Quatro pedras de musgo tapeçadas
Formam o só moimento que dos homens
Te encommenda á memoria. Sobranceira
Uma arvore, já secca, desfolhada
— Unica ! — aponta ao caçador o tumulo
De Mórar o temido !

« Nem amante, nem mãe, siquer deixaste
Para carpir-te... Mas que velho é este ?
Bastão, que o apoia, roça-lhe os cabellos
Embranquecidos pela idade ; os olhos
Róxos estão de panto que vertêram :
Vem caminhando a passos vacillantes....

« O' Mórar ! é teu pai : não possuia
Outro filho varão : ouvira ansioso
Fallar dos teus triumphos no combate
E dos contrarios em derrota feitos.
Oh ! porque ignorou teu fado inipuo ?
Chora, pai infeliz ! em balde choras ;
Dorme teu filho bem profundo somno
E n leito entrado pela terra abaixo :
Não ha mais despertá-lo
Nem por milagre do clamor paterno.

« Quando virá um matutino raio
As sombras dissipar, findar-te o somno?
Adeus, mancebo intrépido, valente
 Como os heróes antigos:
Não vêr-te-ha mais o campo de batalha,
 E a sombra da floresta
Não te reflectirá o elmo lusido.
Filhos, que perpetuem os teus feitos,
Não os tens, mas nos canticos de Alpino
Teu nome e gloria transporão os tempos ! »

VI

Esta canção de morte confrangeu-nos.

Do coração, — mais longo,

Mais sentido que os nossos, — um suspiro

Ouviu-se ao nobre Armino,

Reminiscencias de seu caro filho

Em flôr colhido na manhã da vida !

Cármor, que cerca do ancião se achava,

« Armino (diz-lhe), porque assim suspiras ?

« Entristeceu-te por ventura a lenda

« Do feiticeiro bardo ?

« Nossas almas são cordas que respondem

« Da melodia ás vibrações : semellham

« O vapor que do lago ao céu se eleva

« E no valle se espalha

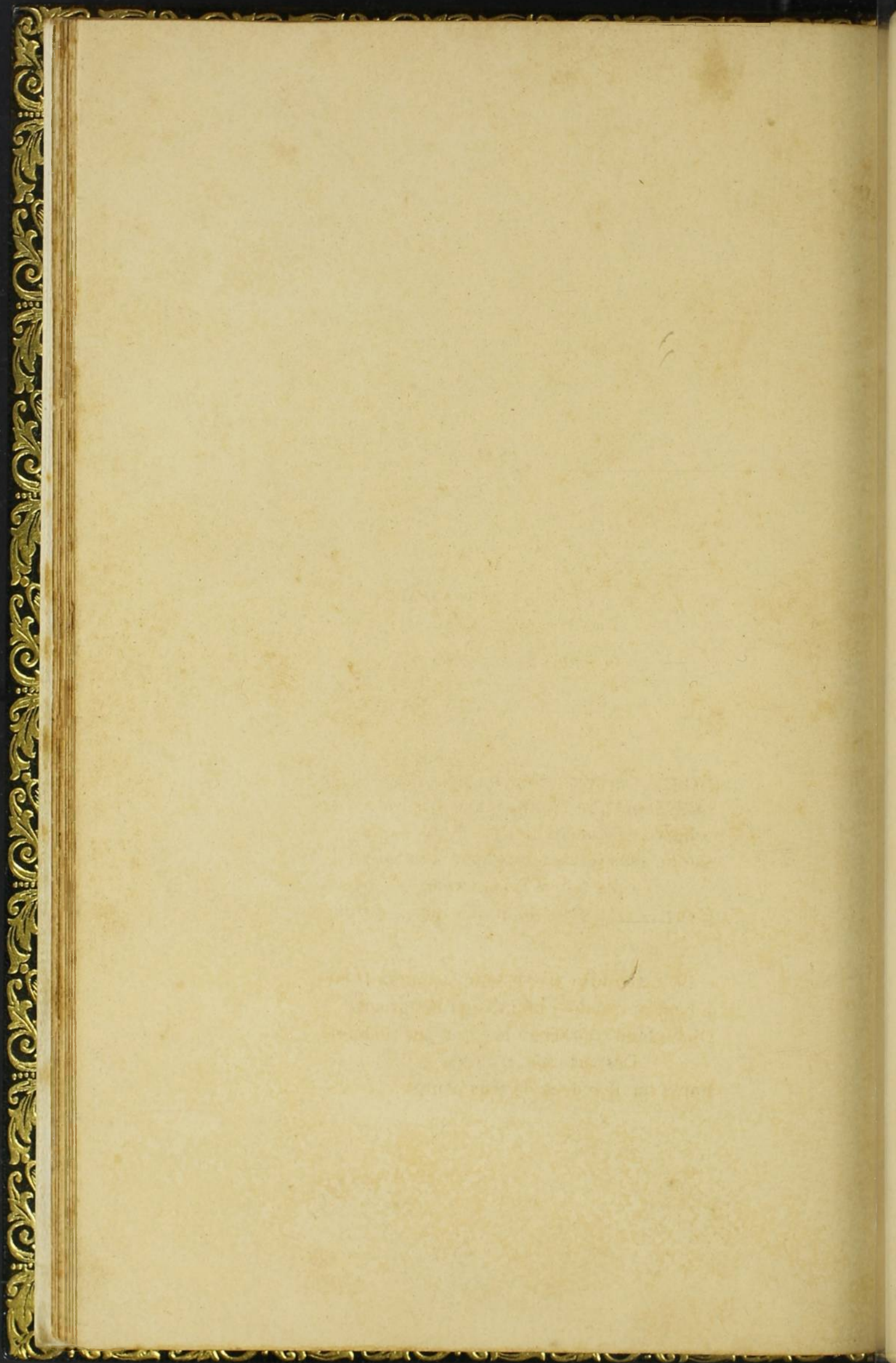
« Humedecendo as flôres e a campina ;

« Mas apenas desponta o sol nascente,

« O ligeiro vapor se desvanêce.

« Deixa, pois, a tristeza,

« Illustre chefe dos ilhéos de Gorma.



VII

O PAE EM ORPHANDADE

(Cantico de Armino)

Armino

« Ouve, Cãrmor ; assaz no peito hei magoas ;
Tu és feliz, que os filhos não perdeste,
O bravo Cólgar e a gentil Anyra
São de teus olhos o enxergar continuo ;
 Teus ramos reverdecem,
E eu! — vivo só,— de minha raça o ultimo!

« Bem sombrio é teu leito, ó minha Daura,
E bem profundo o somno que lá dormes.
Oh! quando ao terno pae que por ti chama,
 Despertando risonha,
Farás ouvir o doce de teus cantos ?

« Os murmurios do outono
Re boem pela selva solitaria ;
Jorre do monte furioso o arroio,
E as procellas do norte
Estalem, verguem o carvalho annoso.
O' lua, poisa um pouco sobre o valle
Teu olhar melancolico : á minha alma
Recorda a noite horrivel
Em que foi morto o meu valente Arindal,
Em que a donosa Daura,
Como uma estrella que nos céus desmaia,
Soltou do peito o extremo adeus á vida.

« O' minha filha ! tão serena e linda
Como o astro da noite na collina,
Excedias a neve na brancura,
E o respirar do zephyro
Da voz suave na expressão tão meiga !
Quem ha que ao meu Arindal equalasse
No despedir da flecha nos combates ?
Vapor sombrio sobre o mar pairando
Era o seu varonil volver dos olhos,
E no escudo brilhante,
Qual a nuvem o raio, tinha a morte.

« A' rmar, guerreiro celebre, por Daura
De amores entranhado, requestou-ma
E alegres o festim apparelhámos.
Mas, por desgraça, outrora em lucta franca
Cahira um filho de O' legal ferido
De minha filha pelo bravo noivo.
Urdu atroz vingança o irmão do morto ;
Toma o traje de velho marinheiro,

Simula sizudez, á praia abica

Em pescareja barca,

E á minha Daura socegado falla :

« Filha do nobre Armino, oh ! de entre as virgens

A mais perfeita e bella !

« Não avistas além, do mar em meio,

« Aquella rocha, a um lado sombreada

« Por arvore frondosa

« Que ajoujam bellos e vermelhos pòmos ?

« A'rmar te espéra lá: mandou-me á pressa

« Para levar-lhe sua Daura amada. »

« A mal aconselhada o segue. Chegam.

Chama o seu A'rmar : só responde o écho.

« Meu A'rmar, meu esposo,

« Oh ! porque assim me deixas solitaria,

« Expirando de medo ?

« Escuta, escuta, é Daura que te chama. »

Entanto o vil traidor dalli regressa

E em terra salta com sorriso infame.

Ouvia-se o gritar de minha filha:

« O' Armino, ó Arindal,

« Ai! mesquinha de mim! que me abandonam ! »

« Lá desce Arindal da collina opposta,

Fatigado da caça. Ao lado as flechas

Tinem : de sua dextra pende o arco :

Cinco libréos de companhia o seguem.

Ei-lo que dá com os olhos no embusteiro,

Corre após, já o alcança, a um robre o amarra,

Quebra-lhe os ossos no apertar dos laços

E o deixa no esterior e nos ronquidos.

Então entra o batel e as ondas corta :

Vae dar á irmã soccorro.

« Mas, oh! crime da sorte ! Ármaz que chega,
Não sabedor do caso,
Accusa Arindal, transportado em raiva,
E a flexa que despede
Vae de meu filho descoser o peito
Cabe-lhe da mão o remo : a dura rocha
Recbe-lhe o cadaver.
A miserrima Daura inda houve lagrymas
Para chorar seu piedoso amigo.

« Das ondas no embater lá vae se o esquife
Desfeito e rôto em fugidias taboas.
Ármaz delira : a nado se arremessa,
Quer com Daura morrer, si não salvá-la.
Porém o vento muge, o mar se encrespa,
E no enroscar das vagas,
Some se envolto o nadador vencido.

« Só, sobre a rocha, já votada á morte,
Minha filha gemia Horriuel transe !
Eu tinha ouvidos para ouvir lhe as vozes,
Fallido em forças para dar-lhe auxilio !
Em pé, na praia, a noite toda estive :
Vi-a por vezes ao clarão da lua,
E seus tristes lamentos,
Voz de fantasmas, me coavam n'alma.
Zunia o vento e a chuva redobrava.
Antes da aurora clarear os montes,
Sua voz foi morrendo
E por extremo se extinguia nos ares,
Como o da brisa murmurar saudoso

Que entre a folhagem volteando expira.

Eis-me aqui só, sem filhos!

De um o valor perdi, do outro as graças,

De ambos o orgulho nos meus velhos annos.

« Desde essa noite horrivel e medonha,
Sempre que a tempestade os montes desce,
Sempre que o norte as ondas encapella,

Vou na praia sentar-me

E ao longe enxergo o funebre rochedo.

A's vezes, quando a lua ao recolher-se

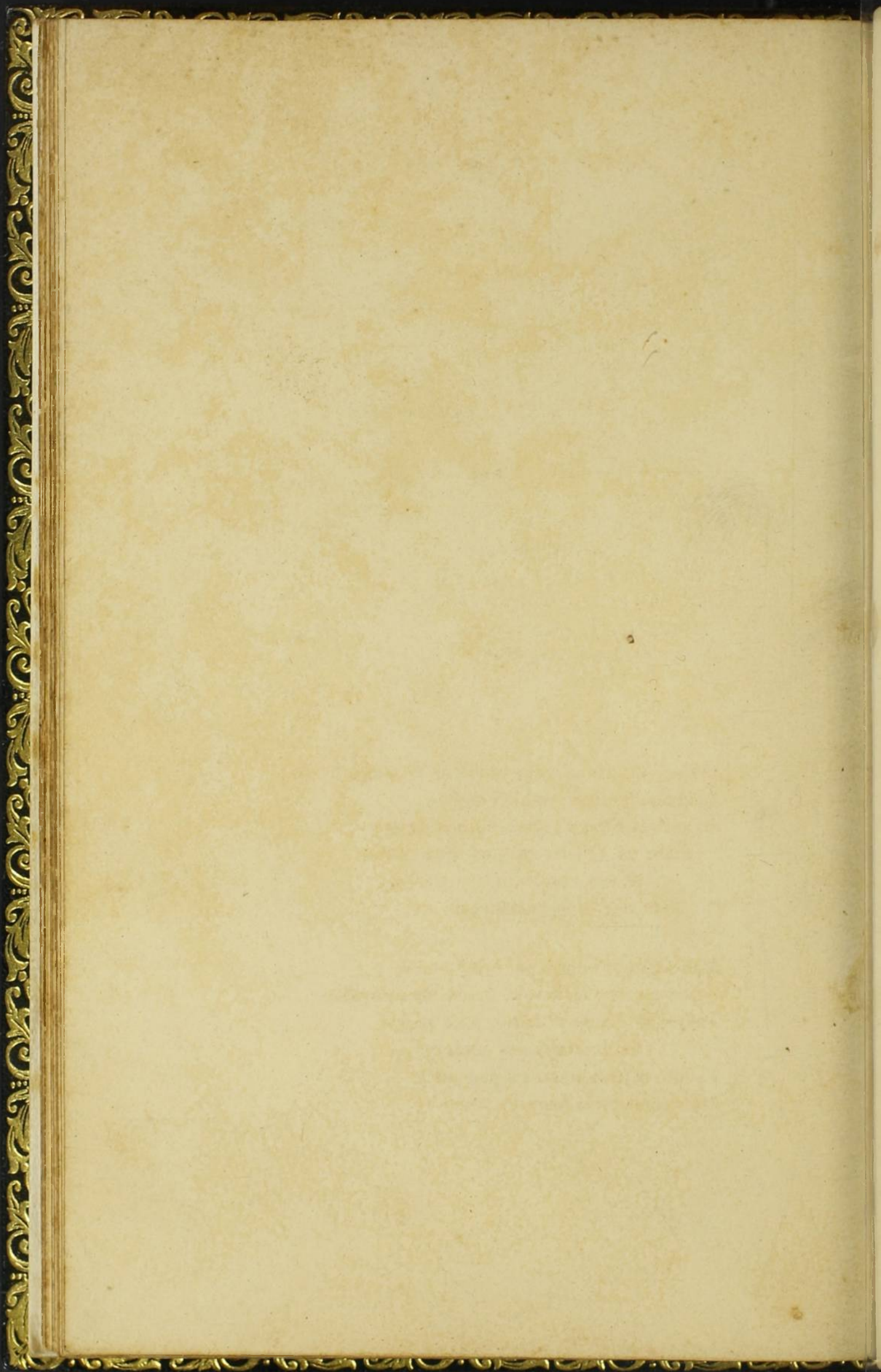
Bruxulêa no pallido crepusculo,

Eu vejo além as sombras de meus filhos

Que conversam-conversa de finados.

Sim, ó Cármor, assás no peito hei magoas,

Pois vivo só, de minha raça o ultimo! »



VIE

EPILOGO

Assim os bardos, renovando as lendas,
Enfeitiçavam da velhice os dias
Ao nobre Fingal: das collinas longes
Vinham os bravos escutar seus cantos
 E em detredór de Ossian,
O chefe trovador, batiam palmas.

Mas agora o torpór da velha idade
A voz me enrouqueceu, gelou-me o sangue.
A's vezes d'ante mim nos ares vagam
 As sombras dos cantores;
Escuto seus fantasticos poemas,
Mas a memoria foge-me traidora,

E os anjos me sussurram tristemente :

« A lyra dependura dos salgueiros,

« Cantor do velho tempo ;

« Em breve dormirás o eterno sono

« Em teu leito de vermes ;

« E quem sabe si um bardo no futuro

« Memorará teu nome com saudade? »

Além ! além ! passae, annos tristonhos :

E já que sois os echos do sepulchro,

Elle deve estar perto, vinde abri-lo,

Vinde abri-lo e levae-me.

Eu sou de mais na geração presente :

Os meus irmãos, os filhos da harmonia

Repousam todos na mansão dos mortos.

Após elles,—só eu na terra existo,—

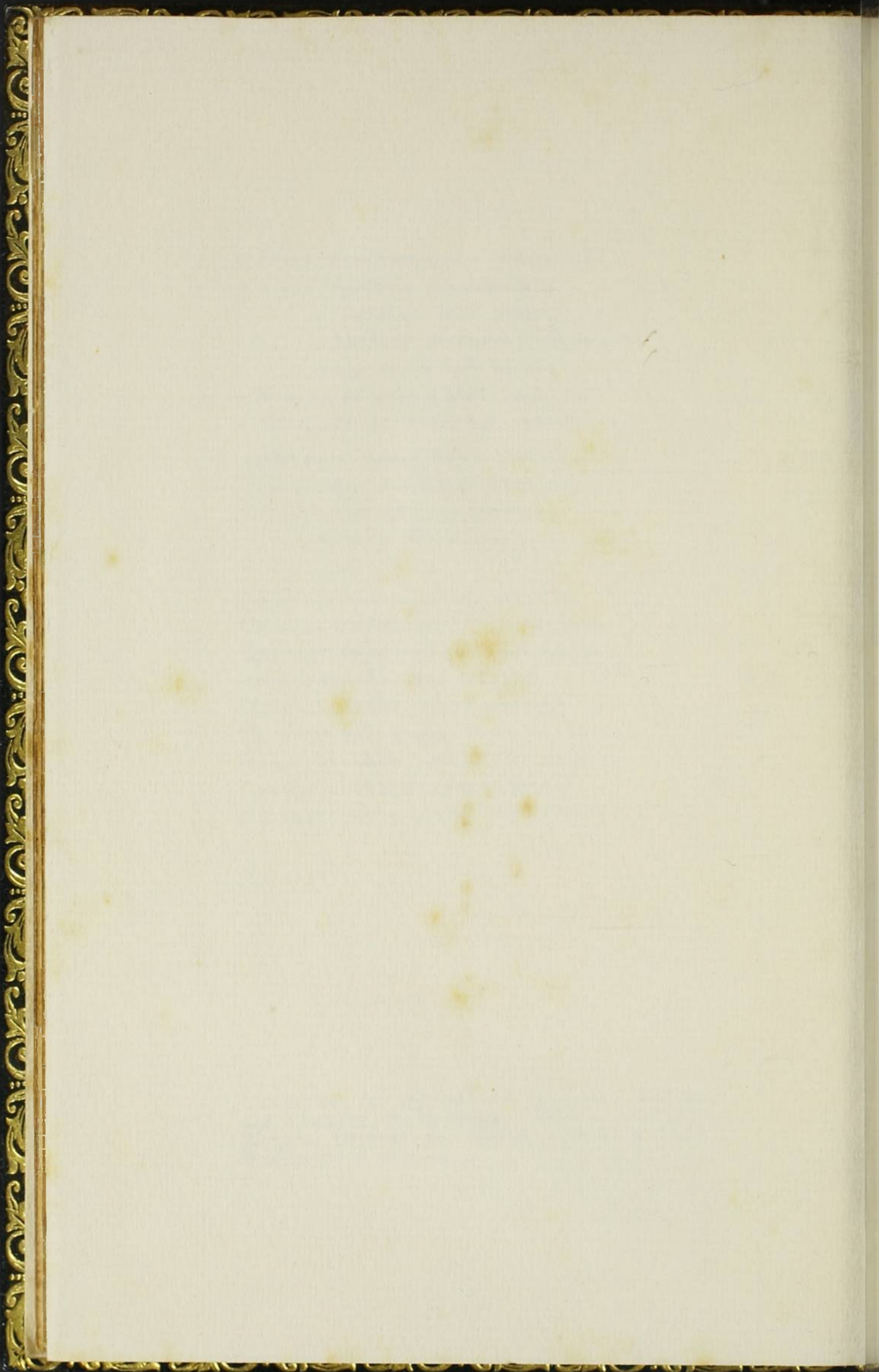
Como um sussurro na cavada rocha

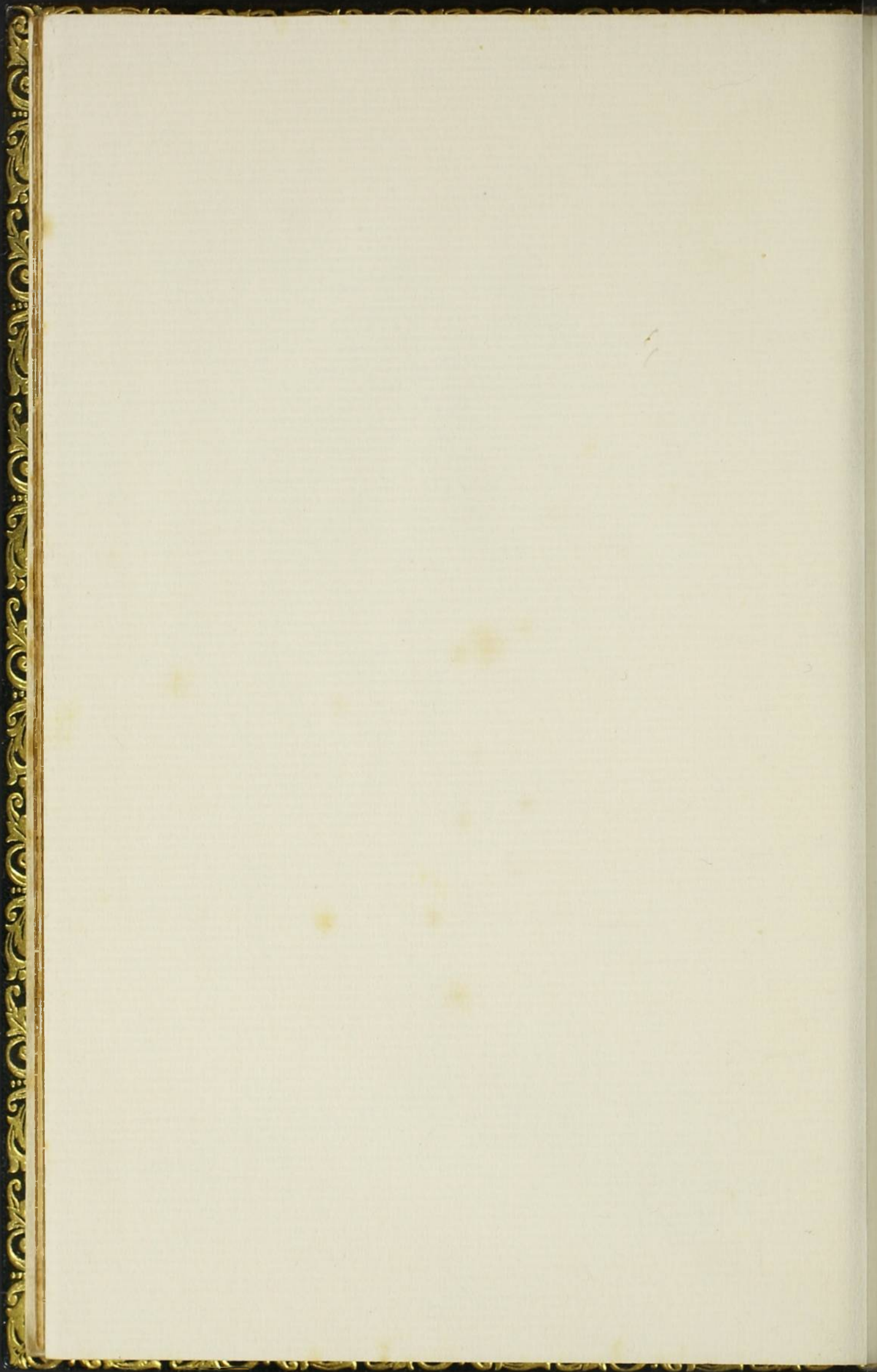
Em meiga noite quando os ventos calam,

Emquanto o nauta, mar em fóra, ao longe

Enxerga ainda as arvores da patria

E a patria mesmo que se vae sumindo!...





18477

